

SCOTT DAVID ALLEN

POR QUE A

JUS

TI

SOCIAL

ÇA

**NÃO É A
JUSTIÇA
BÍBLICA**

*Um apelo urgente aos
cristãos em tempos
de crise social*


VIDA NOVA

Somos hoje uma nação dilacerada, e cabe aos cristãos curar as feridas em vez de abrir feridas novas. Em vez de zombar dos que se empenham pela justiça social, é preciso reconhecer que os ideólogos de esquerda distorceram o conceito, e há cristãos que, ingenuamente, embarcaram nessa distorção. Scott Allen propõe uma alternativa que é imprescindível debater. Eu mesmo sinto que há uma alternativa: as igrejas e as organizações devem promover e dar destaque a estratégias compassivas que ajudem as pessoas a sair da pobreza. É importante que saibamos distinguir, entre os bons programas, quais os que incentivam os antagonismos de classe, de raça e de cultura. Se não formos capazes de resgatar o sentido bíblico de justiça, não se fará justiça.

Marvin Olasky

Editor-chefe da revista *WORLD*

Scott Allen revela atentamente como a “justiça social ideológica” se tornou o novo substituto religioso para a cosmovisão judaico-cristã. Se permitirmos que seus engenheiros sociais sejam bem-sucedidos, a igreja e o mundo sofrerão imensamente. Os seres humanos não terão mais uma plataforma de direitos inalienáveis, de valor intrínseco e de liberdade para se desenvolverem. Somente a verdade bíblica é amor verdadeiro. Recomendo a leitura e o compartilhamento imediato deste livro com o maior número possível de pessoas!

Kelly Monroe Kullberg

Autora de *Finding God beyond Harvard: the quest for veritas*

Fundadora e ex-diretora executiva do Veritas Forum

O movimento moderno de justiça social é um cavalo de Troia que tem sido acolhido por muitos grupos evangélicos com um estardalhaço que faria corar os cidadãos de Troia. Com o pretexto de amar o próximo e de lutar pela justiça, as ideologias contrárias ao caminho de Cristo estão sendo usadas para impor programas à consciência dos evangélicos e formatá-las. Como se valem de termos bíblicos, cria-se uma presunção do que a Bíblia quer dizer, e esse pressuposto está destruindo o pensamento cristão sadio, bem como o viver cristão saudável. Scott Allen sabe disso e prestou um enorme serviço aos cristãos revelando o que está dentro do cavalo. Ao investigar a história das ideologias

neomarxistas e pós-modernas que animam o movimento de justiça social, Allen expõe sua pauta de desconstrução e seus métodos profanos. Mais importante ainda do que isso, ele oferece um panorama útil da justiça genuína conforme revelada pelo Deus justo nas Sagradas Escrituras. Há muito que precisávamos de um livro como esse. Todo cristão sério, principalmente os pastores, precisam lê-lo e guardar a sabedoria que ele traz.

Tom Ascol

Pastor sênior da Grace Baptist Church (Cape Coral, Flórida)
Presidente do Founders Ministries

O insight que Scott Allen nos dá a respeito da perigosa situação atual em que a igreja se encontra é extremamente necessário e não poderia ter vindo em melhor hora! O cristão não tem a opção de ficar em cima do muro enquanto o evangelho e a lei bíblica são corrompidos. É hora de os bereanos compararem o que estão ouvindo, inclusive de pastores, com a revelação divina. Allen distingue os pressupostos éticos por trás da teoria da justiça social e nos dá uma alternativa bíblica e cristã acompanhada de explicações. Leia o quanto antes!

Jon Harris

Apresentador, *Conversations that batter podcast*

O tom de vida ou morte que permeia esse livro tem uma boa razão de ser. Se a tendência atual não for revertida, as consequências não se limitarão a um “evangelicalismo” totalmente fraturado. Podemos estar diante de gulags, guilhotinas ou campos de morte do século 21. Exagero? Veja por você mesmo. Leia esse livro! Allen não apresenta apenas uma análise bem documentada e extremamente necessária. Ele está soando um alarme, não apenas porque explica a que se deve opor um seguidor de Cristo bíblicamente informado, mas também pelo que ele deve lutar.

Christian Overman, PhD

Autor de *Assumptions that affect our lives* e *God's pleasure at work*

O livro de Scott Allen lida com a ideologia do movimento de justiça social. Muitos que compreendem a necessidade de justiça na sociedade subscreveram as políticas e as práticas desse movimento sem analisar o conjunto de ideias de onde ele parte. Outros se sentem desconfortáveis

com os princípios do movimento, mas não entendem por quê. Os movimentos nascem de uma série de princípios, e a partir daí o paradigma e a vontade conduzem inevitavelmente a certas políticas e práticas. Todos os que têm interesse pela justiça ou pelo que acontece na sociedade fariam bem se lessem esse livro. Scott, que tem dedicado a vida a combater a pobreza, a fome e a injustiça, prestou-nos um serviço ao refletir sobre o conceito bíblico de justiça em comparação com a ideologia de justiça social.

Darrow L. Miller

Autor de *Discipling nations: the power of truth to transform culture*
Cofundador da Disciple Nations Alliance

Scott Allen faz uma distinção muito importante entre a justiça social secular e a justiça ensinada na Escritura. Ele mostra de que modo surgiu a justiça social, como é grande sua influência e como são devastadores seus efeitos sobre nossa sociedade. Ele demonstra de forma inequívoca que essa versão secular é estranha à justiça bíblica. Recomendando a presente obra para os que estão no ministério. Ela os ajudará a refletir profundamente sobre o que é a verdadeira justiça e como a justiça social secular nos desvia do evangelho.

Rev. Ernest B. Manges, PhD

Professor de teologia e de história da igreja,
Cebu Graduate School of Theology
Filipinas

Scott analisou profundamente essa questão crucial de um modo sensível, exaustivo e, no entanto, acessível ao público não acadêmico. Compartilharei esse livro com quem quer que se disponha a separar um tempo para lê-lo. É uma leitura urgente e obrigatória!

Bob Moffitt

Autor de *If Jesus were mayor: how your local church can transform your community*
Presidente da Harvest Foundation

SUMÁRIO

<i>Agradecimentos</i>	15
Introdução	17
Capítulo 1: Justiça estranha	29
Capítulo 2: Justiça bíblica.	37
Capítulo 3: Justiça antes do juízo	55
Capítulo 4: Justiça redefinida	67
Capítulo 5: Princípios fundamentais da ideologia	81
Capítulo 6: Valores e desvalores da ideologia	131
Capítulo 7: Incursões na cultura... E na igreja	167
Capítulo 8: Expulsando uma cosmovisão ruim e propondo outra melhor.	217
<i>Índice remissivo</i>	247
<i>Índice de referências bíblicas</i>	268

AGRADECIMENTOS

A minha amada esposa, Kimberly, e a nossos filhos maravilhosos, Jenna, Luke, Isaac e Annelise, que passaram horas me ouvindo falar aleatoriamente sobre o conteúdo deste livro e que tanto me apoiaram, trocaram ideias comigo e me inspiraram. Obrigado a vocês do fundo do meu coração.

Aos meus amigos queridos, mentores e colegas da Disciple Nations Alliance: Darrow Miller, Bob Moffitt, Dwight Vogt, Jessie Christensen, Shawn Carson, Jeff Wright, Gary Brumbelow, John Bottimore, Jon Taylor, Eric Dalrymple, Blake Williams, Heather Hicks, Gary Paisley e Bob Evans. Sem a ajuda de vocês, sem o seu apoio, suas ideias, discussões e críticas, este livro jamais teria sido concluído. Sua parceria no ministério é tudo para mim. Obrigado.

Aos muitos amigos e colegas novos e antigos, entre eles Carolyn Beckett, Kelly Kullberg, Wayne Grudem, Marvin Olasky, Clay Howerton, Elizabeth Youmans e George Tingom, que me ajudaram de modo especial, me apoiaram e incentivaram na hora certa. Vocês são dádivas de Deus para mim. Obrigado.

Gostaria também de agradecer a Neil Shenvi, Os Guinness e Tom Ascol. Seus ensinamentos foram muito importantes durante minha incursão pela teoria crítica da sociedade e para compreender a ameaça que ela representa para a igreja. Embora muitos outros tenham me ajudado, vocês me inspiraram de modo especial com seu intelecto afiado, sua generosidade, coragem e paixão por Deus e por seu povo. Como vocês sabem, essa pode

ser uma jornada difícil e desanimadora, mas é para mim grande fonte de encorajamento seguir o exemplo de vocês.

Aos artífices da palavra e editores extremamente profissionais e talentosos Stan Guthrie e Elizabeth Banks, obrigado pelo trabalho extraordinário. E a Tim Beals, editor da Credo House Publishing, cuja dedicação e entusiasmo pelo projeto, depois de muitas rejeições, foi uma verdadeira resposta à oração. Foi muito importante para mim. Obrigado.

Agradeço especialmente a Bob Osburn, diretor executivo da Wilberforce Academy, que foi um dos primeiros a acreditar na importância deste livro. Você acreditou que Deus estava me chamando para escrevê-lo quando nem mesmo eu acreditava. Sem o seu incentivo bondoso e persistente para que eu fosse em frente, este livro jamais teria sido escrito. É uma bênção muito grande para mim tê-lo como amigo e colega de trabalho no ministério. Obrigado do fundo do meu coração.

A Jesus, paixão da minha alma, meu Rei e Redentor. Graças te dou, para sempre, obrigado.

Soli Deo Gloria.

INTRODUÇÃO

De acordo com a cosmovisão bíblica, as pessoas “são filhas de Deus, conformes à sua imagem divina. [De acordo com] a justiça social, somos filhos da sociedade, conformes às suas construções sociais e à dinâmica de poder que mantém”.

JAMES A. LINDSAY E MIKE NAYNA

“A religião pós-moderna e a fé da justiça social”

Envolvimento cultural sem discernimento cultural leva ao cativo cultural.

KEN MEYERS

De alguns anos para cá, uma ideologia poderosa tem feito incursões significativas no âmago da igreja evangélica. Seus principais defensores a chamam de “justiça social”, e ela está quase sempre associada a um compromisso de igualdade, diversidade e inclusão.

Cristãos de todos os matizes compartilham também de um profundo comprometimento com a justiça, bem como com a igualdade, a diversidade e a inclusão. Contudo, conforme gosta de dizer John Stonestreet, presidente do Colson Center for Christian Worldview [Centro Colson de cosmovisão cristã], “não é bom ter o mesmo vocabulário se estamos usando dicionários diferentes”.¹

¹John Stonestreet, “What is freedom? Defining liberty is crucial to keeping it”, CNSNews.com, October 4, 2018, <https://www.cnsnews.com/commentary/john-stonestreet/what-freedom-defining-liberty-crucial-keeping-it>.

É verdade. O que os defensores da justiça social querem dizer com essas palavras, conforme veremos, é completamente diferente de como elas são definidas na Escritura e de como foram compreendidas ao longo da história na cultura ocidental.

As palavras são importantes. Elas dão forma às nossas ideias e estruturam nossos sistemas de crença. Esses mesmos sistemas, por sua vez, impulsionam nossa cultura, que determina como pensamos e nos comportamos, para o bem ou para o mal. A maior parte das pessoas acolhe naturalmente as palavras. Nós as usamos, mas raramente paramos para pensar sobre elas, alheios ao seu incrível poder. Toda mudança cultural começa com uma mudança de linguagem. As mudanças na linguagem, palavras novas, novas definições, via de regra, podem ser rastreadas até líderes intelectuais poderosos que talvez tenham vivido centenas de anos antes.

Dallas Willard, filósofo cristão já falecido, escreveu: “As ideias dos economistas e dos filósofos políticos, quando estão certos e também quando estão errados, são mais poderosas do que comumente se pensa. De fato, bem poucas coisas, além dessas, governam o mundo”.²

Deus levantou a igreja para fazer avançar seu reino de bondade, luz e beleza neste mundo caído. Uma das formas mais importantes para isso consiste em comunicar e incorporar as palavras poderosas de Deus, que dão vida, conforme registradas na Escritura — palavras como liberdade, amor, compaixão e *justiça*.

A Bíblia é muito mais do que uma mensagem de salvação, por mais decididamente vital que isso seja. Ela é uma cosmovisão

²Dallas Willard, *The divine conspiracy: rediscovering our hidden life in God* (San Francisco: HarperOne, 2009) [publicado por Mundo Cristão sob o título *A conspiração divina: o verdadeiro sentido do discipulado cristão: um roteiro para trilhar no caminho de Deus*].

abrangente que define e modela todos os aspectos da realidade e da existência humana. Ela é a “História Transformadora” de Deus, mas, diferentemente de outras visões de mundo, ela é *verdadeira*. Ela está de acordo com a realidade, já que existe de fato e define para todos os tempos, para todos os povos, o que palavras tais como verdade, amor, justiça e igualdade realmente significam. Essas definições verdadeiras e bíblicas deram origem a culturas especificamente cristãs. Nas palavras do teólogo Robert Lewis Wilken, “a cultura vive da linguagem, e as opiniões, pensamentos e sentimentos de uma cultura cristã são formados e transportados pela linguagem das Escrituras”.³

Portanto, não é nada desprezível quando a igreja evangélica, intencionalmente ou não, substitui a definição bíblica de uma palavra tão importante como *justiça* por uma falsificação.

As ideias têm consequências; no entanto, conforme nos lembra Os Guinness, elas têm também antecedentes — isto é, elas vêm de algum lugar. A verdadeira definição de justiça tem origem na Bíblia e foi expressa historicamente de modo que nações foram abençoadas. Hoje, porém, acolhemos todas essas coisas sem maiores questionamentos, entre elas o estado de direito e o devido processo legal.

A falsificação tem origem em “filosofias e sutilezas vazias” (Cl 2.8) surgidas na Europa nos anos 1700. Sua linhagem remonta a filósofos célebres e a ativistas como Immanuel Kant, Friedrich Nietzsche, Karl Marx, Antonio Gramsci e Michel Foucault. Suas ideias fincaram raízes profundas na cultura ocidental. Com o tempo, elas se transformaram e se fundiram numa escola de pensamento que os acadêmicos modernos chamam de *teoria crítica*. Ela também é conhecida como política identitária,

³Robert Lewis Wilken, “The Church as culture”, *First Things*, April 2004, <https://www.firstthings.com/article/2004/04/the-church-as-culture>.

interseccionalidade ou marxismo cultural. Contudo, neste livro, vou me referir a ela como *justiça social ideológica*. Uso o modificador “ideológica” para indicar que estamos discutindo algo bem maior do que justiça. Trata-se, antes, de ideologia ampla, ou cosmovisão, que ajuda a explicar por que tem atraído tantos adeptos.

Precisamos de cosmovisões para que nossa vida faça sentido. Elas nos ajudam a compreender nossa identidade e propósito. Em uma sociedade cada vez mais pós-cristã, um número crescente de pessoas não tem conhecimento da Bíblia e, no entanto, foi a cosmovisão bíblica que pautou o Ocidente durante séculos. Ela proporcionou os pressupostos básicos que deram a muitas gerações identidade e propósito, fossem ou não cristãs. Hoje, porém, quando a Bíblia e a cosmovisão bíblica estão em rápido declínio, a justiça social ideológica tem preenchido o vácuo.

Nossas cosmovisões determinam não apenas como pensamos, mas também como agimos. Elas direcionam as escolhas que fazemos. Comportam-se como raízes de uma árvore frutífera. As raízes determinam o fruto. Ao falar de falsos mestres e de ideologias enganosas, Jesus disse: “Pelos frutos os conhecereis” (Mt 7.16). Conforme veremos neste livro, a justiça social ideológica se dá a conhecer por seu fruto amargo. As vidas e as culturas por ela influenciadas são marcadas pela inimizade, pela hostilidade, pela suspeita, pela reivindicação de direitos e pelo ressentimento.

Tragicamente, essa falsa cosmovisão tem feito incursões profundas na igreja evangélica, que corre o sério perigo de abandonar a verdadeira justiça por uma justiça impostora.

Creio que essa substituição esteja acontecendo sobretudo de forma não intencional. A justiça social ideológica transbordou das universidades para o espectro mais amplo da cultura com tal velocidade e força no decorrer dos últimos trinta anos que todos fomos afetados de uma forma ou de outra. Hoje é a visão de mundo

dominante, espalhando-se e dando forma a vastas esferas da cultura. Dez anos atrás, estava em grande medida confinada aos programas de humanidades das universidades. Agora é a cosmovisão dominante em praticamente todos os aspectos da educação, tanto nos ensinos fundamental e médio quanto no ensino superior. Ela domina as grandes empresas, as mídias, o entretenimento, a alta tecnologia e boa parte do nosso governo, e até mesmo nossos sistemas de justiça. Nas palavras do ensaísta e crítico cultural Andrew Sullivan, “hoje estamos todos vivendo num campus”.⁴

O cristão certamente não está imune a essas ideias contundentes que influenciam as instituições de que todos compartilhamos. Muitos cristãos absorveram em larga medida os pressupostos da justiça social ideológica sem perceber. Afinal de contas, ela recorre a termos da Bíblia e a conceitos como justiça, opressão, antirracismo e igualdade, embora os redefina a todos furtivamente.

Para reconhecer uma falsificação, é preciso primeiramente conhecer o artigo genuíno. Portanto, começarei este livro explicando o que é a justiça bíblica antes de analisar a justiça social ideológica. Vou compará-las colocando-as lado a lado na esperança de que o cotejo de suas principais diferenças promova a clareza em meio a toda a confusão que parece reinar entre os evangélicos.

Esse assunto me apaixona desde que Deus me chamou para o ministério vocacional de tempo integral, quando cursava o último ano da faculdade, em 1988. Naquele ano, fui trabalhar como obreiro de promoção comunitária transcultural na Food for the Hungry, organização cristã internacional de socorro e desenvolvimento.

⁴Andrew Sullivan, “We all live on campus now”, *New York Intelligencer*, February 9, 2018, <https://nymag.com/intelligencer/2018/02/we-all-live-on-campus-now.html>.

Em 1988, a igreja evangélica estava drasticamente dividida no tocante à justiça, que, na época, era comumente entendida como cuidado com os pobres e os marginalizados. De um lado dessa divisão, havia quem professasse uma teologia conservadora que apoiava uma interpretação mais literal da Escritura e para quem o objetivo das missões cristãs era a proclamação do evangelho e a plantação de igrejas. Viam com suspeita o ministério com os pobres por causa de sua associação no passado com o herético “evangelho social”.

Do outro lado, havia um grupo menor de ativistas evangélicos que se preocupavam profundamente com a pobreza e com a injustiça. Um de seus líderes mais destacados, Ron Sider, do Eastern Theological Seminary da Filadélfia, publicou em 1978 seu influente livro *Rich Christians in an age of hunger* [Cristãos ricos numa era de fome], tendo fundado posteriormente a associação Evangélicos pela Ação Social. Outro líder, Jim Wallis, fundou o Sojourners, em 1971. Pessoalmente, sentia-me atraído por esses homens e pelo seu movimento.

Nos vinte anos que trabalhei na Food for the Hungry, estive nas nações mais pobres do mundo. Durante esse tempo, aprofundi meu conhecimento acerca das causas e das soluções para a pobreza e, quanto mais aprendia, menos entusiasmado ficava com minhas crenças anteriores.

No início da minha carreira na Food for the Hungry, eu tinha acabado de me formar em uma das bem conhecidas universidades de ciências humanas do Oregon. Não me identificava como marxista, mas havia absorvido uma boa dose de ideologia marxista dos meus professores e colegas. Estava em grande medida convencido de que a riqueza e os recursos de um eram o ganho ou o prejuízo do outro, e vice-versa (o que se chama de soma zero, em que a vitória de um lado deve corresponder necessariamente a derrota do outro), e seus detentores os haviam

conquistado de forma ilegítima, à custa dos que foram privados deles. As nações ricas se enriqueceram pelo colonialismo, pela ganância e pelo capitalismo voraz. Elas haviam manipulado o sistema à custa dos pobres. Foram necessários muitos anos, graças à ajuda de alguns mentores admiráveis e piedosos, para que eu me desse conta completamente de que meus pressupostos sobre riqueza e pobreza estavam mais bem enraizados no Manifesto Comunista do que na Bíblia.

Em última análise, tive de fazer a mim mesmo a seguinte pergunta: eu estava mais interessado nas disparidades da riqueza e da redistribuição de renda ou em fazer o que comprovadamente dá resultado e capacita as pessoas, permitindo-lhes que saiam da pobreza?

Com o tempo, percebi que os pressupostos da cosmovisão marxista mais prejudicam do que ajudam os pobres. Ela não os via como totalmente humanos, criados à imagem de Deus, com dignidade, responsabilidade e com a capacidade de criar riqueza nova e novas oportunidades. Em minha visão de mundo antes influenciada pelo marxismo, eles eram em grande medida vítimas indefesas, dependentes de ações de ocidentais benevolentes para vencer a pobreza. Isso gerava um sentimento destrutivo de paternalismo e de culpa de um lado e, do outro, um sentimento nocivo de dependência e de direitos individuais.

Olhando em retrospectiva a história e nossa herança cristã, descobri que, às vezes, Deus operava através da igreja para tirar nações inteiras da pobreza. Antes da Reforma, por exemplo, as nações do norte da Europa eram tão pobres quanto as nações africanas de hoje. Depois da Reforma, começaram a prosperar. Essa transformação não se deu por causa da redistribuição de riqueza, do esclarecimento proporcionado pela visão humana ou pelo *know-how* científico ou técnico. Aconteceu porque as pessoas começaram a ler a Bíblia, a compreender a realidade,

inclusive sua própria identidade e propósito, de maneiras novas e que mudaram a vida delas. Foi o poder da verdade bíblica — da cosmovisão bíblica — que tirou as pessoas da pobreza e permitiu que se edificassem nações livres e prósperas.

O desejo de compartilhar esse *insight* me levou, bem como a meus amigos Darrow Miller e Bob Moffitt, a lançar a Disciple Nations Alliance, em 1997. Nossa missão consistia em catalisar um movimento cristão que chamasse a igreja de volta a uma ampla cosmovisão bíblica, proclamando e demonstrando o poder da verdade bíblica por meios que resultassem numa mudança positiva, particularmente entre os pobres.

Para a ala conservadora da igreja evangélica, nossa mensagem era a seguinte: sua paixão pelo evangelho é boa e digna de louvor! Contudo, a proclamação do evangelho é apenas o começo da missão cristã genuína, e não o fim. Uma vez salvo, é preciso que o cristão seja criteriosamente discipulado para que identifique e substitua falsos pressupostos culturais pela cosmovisão bíblica, e assim leve a verdade, a bondade e a beleza do reino de Deus a todas as esferas de nossas nações arruinadas. O plano de redenção de Deus não se limita à salvação das almas. Ele compreende também a reconciliação de todas as formas de relacionamentos fraturados: com Deus, com nós mesmos, com os outros seres humanos e com a própria criação. Não deveria haver divisão alguma entre proclamação do evangelho, discipulado, plantação de igrejas e transformação social e cultural. Esses são aspectos essenciais de nossa missão em sua inteireza. “Missão holística” ou “ministério holístico” se tornaram senhas e rótulos sucintos que usávamos para descrever essa visão ampliada do ministério cristão.

Para a ala da justiça social da igreja evangélica, nossa mensagem era a seguinte: se você quiser realmente capacitar o pobre para que ele prospere, a ferramenta mais poderosa à sua disposição

é a verdade e a compaixão bíblicas.⁵ Em última análise, a pobreza não está enraizada em sistemas injustos, mas no ardil satânico situado no plano da cultura. A estratégia cristã de mudança social deve se ocupar em dar testemunho da verdade em todos os reinos da existência humana. Quando ricos e pobres começarem a substituir as mentiras culturais pela verdade bíblica, virá a transformação. Essa transformação nunca é completa, ou uniforme, ou indefinida, mas é real, poderosa, dignifica a Deus e é importante.

Nos últimos vinte e três anos, ao compartilharmos ensinamentos semelhantes, vimos muitos sinais de mudanças positivas. Do lado conservador, vimos uma forte adoção de uma estratégia missionária holística. Entre esses grupos e organizações cristãs trabalhando para que o pobre melhore de vida, observamos uma receptividade genuína à ideia de que o discipulado, na cosmovisão bíblica, é a coisa mais poderosa que podemos fazer para melhorar a vida de comunidades empobrecidas.

À medida que os dois lados começavam a mudar, aumentava nossa esperança de que o antigo fosso evangélico pudesse ser preenchido, forjando-se assim uma nova unidade que honrasse a Deus. Havia muitos sinais encorajadores de que isso estava acontecendo de fato.

Foi então que, aparentemente do nada, os pressupostos marxistas voltaram com tudo, influenciando uma nova geração de líderes evangélicos sob novo disfarce e ameaçando destruir uma unidade que era cada vez maior. Nos círculos evangélicos, falava-se por toda parte em “justiça social”. No entanto, diferentemente da década de 1980, enfatizava-se menos a pobreza e mais a raça, o sexo, o gênero e a orientação sexual. Em 2010, um jovem pastor dinâmico do Oregon, Ken Wytsma, lançou a

⁵Meu colega Darrow Miller, juntamente comigo e Gary Brumbelow, escrevemos um livro sobre o assunto intitulado *Social justice: restoring biblical compassion* (Seattle: YWAM, 2015).

Conferência de Justiça, cuja influência sobre os *millennials* evangélicos foi tremenda. Com base no que li no livro de Ken, *The myth of equality* (O mito da igualdade), e ouvi de palestrantes em suas conferências, ele parecia estar oferecendo um coquetel potente com duas medidas de teologia bíblica e uma medida de teoria crítica acadêmica.

O alarme soou mais alto para mim quando vi esse mesmo sincretismo se espalhando no núcleo do evangelicalismo tradicional.

Tudo isso se tornou muito pessoal em 2018, no momento em que alguns colegas evangélicos próximos, a quem respeito, começaram a me desafiar: será que eu não me dava conta do racismo estrutural e da opressão disseminada nos Estados Unidos? Não reconhecia minha culpa nessa opressão? Não tinha lidado ainda com meu privilégio inerente e com o racismo inconsciente?

O QUE ESTAVA ACONTECENDO?

Este é um momento perigoso. A persistirem as tendências atuais, a igreja evangélica sucumbirá rapidamente a um sincretismo profundamente destrutivo e a uma ideologia não bíblica que causarão um mal incalculável a sua missão e seu testemunho neste mundo.

Justiça é uma das palavras mais importantes na Bíblia. É um dos conceitos mais importantes em qualquer cultura. Se a igreja que crê na Bíblia abandonar a justiça genuína em favor de uma falsidade cultural destrutiva, quem sobrá para resistir e defender a verdade? Os riscos são altos demais.

Minha oração fervorosa é que este livro possa servir como sinal de alerta aos meus irmãos e irmãs evangélicos. Isto é o que lhes peço: identifiquem e rejeitem a falsidade. Lembrem-se do que é a verdadeira justiça. Apeguem-se a essa verdade, por mais impopular que seja. Falem dela abertamente. Mostrem a verdade. Sejam o sal e a luz que Jesus nos ordena que sejamos.

É tarefa de toda uma geração de cristãos sustentar e defender a verdade e comunicá-la às gerações futuras, inclusive a verdade acerca da justiça. Esta é minha tentativa modesta e imperfeita de fazê-lo.

Uma última palavra antes de entrarmos no assunto. Ao pesquisar o material deste livro, li muita coisa na tentativa de compreender melhor a teoria crítica, e muitas vezes recorri aos seus divulgadores influentes. Tive inúmeras discussões produtivas (do tipo “ferro que afia o ferro”) com pessoas que discordam fortemente das posições que defendo no livro, quase todas elas amigas, irmãos e irmãs em Cristo. A você, gostaria de dizer o seguinte: valorizo profundamente sua amizade. Compartilho de sua profunda paixão e do seu comprometimento com a justiça, do seu desejo de ser uma voz para os que não têm voz e defender a causa do pobre e do oprimido. Embora tenha desenvolvido fortes convicções acerca desses tópicos, tenho muito a aprender e, sem dúvida, tenho perspectivas não bíblicas que precisam ser corrigidas. Por esse motivo, preciso de sua amizade mais do que nunca.

Por favor, não entenda nossas discordâncias como hostilidade ou condenação da minha parte. Embora eu deteste ideias falsas e destrutivas, quero amar e demonstrar respeito pelas pessoas que as sustentam. Já tive (e ainda tenho) uma cota enorme de falsas crenças e sou eternamente grato por aqueles que me amam o suficiente para me ajudar a identificá-las. Quero fazer o mesmo pelos outros. Tenho traves em meus olhos que precisam ser removidas. Preciso de sua ajuda para apontá-las. Quero também ser o tipo de pessoa que ama os outros o suficiente para ajudá-los a tirar a trave dos seus olhos também. Este é o meu desejo mais profundo.

SCOTT ALLEN
Julho de 2020